

Memórias discentes e autoavaliação docente: reflexões sobre a educação e a prática educativa

Memorias del alumno y autoevaluación del docente: reflexiones sobre la educación y la práctica educativa

Flávia Cavalcanti Gonçalves¹

Resumo

Este texto se constitui de memórias discente e autoavaliação docente, a partir da análise qualitativa de textos recolhidos ao longo de seis anos na disciplina Didática em dois cursos de Licenciatura em Letras, escolhidos de forma aleatória e analisados de maneira qualitativa o que, reflete sobre a prática educativa. Escrito em primeira pessoa, o trabalho apresenta reflexões sobre a educação, através da solicitação aos alunos/alunas da construção de um texto híbrido no qual as memórias escolares são revisitadas a partir dos materiais de estudo, impressos e audiovisuais estudados em sala de aula.

Palavras-Chave: Prática Docente; Narrativas; Memórias Discentes; Didática.

Resumen

Este texto consta de memorias de los alumnos y autoevaluación del docente, a partir del análisis cualitativo de textos recogidos a lo largo de seis años en la disciplina Didáctica en dos cursos de Licenciatura en Letras, elegidos al azar, analizados cualitativamente, reflexionando simultáneamente sobre la práctica educativa. Escrito en primera persona, el trabajo presenta reflexiones sobre educación, pidiendo a los alumnos que construyan un texto híbrido en el que se revisen los recuerdos escolares del estudio, materiales impresos y audiovisuales estudiados en el aula.

Palabras clave: Práctica; Docente; Narrativas; Memorias del Alumno; Didáctica.

1. Introdução

Este trabalho se configura como recorte da docência, no caso escrito em primeira pessoa, relata e analisa 65 textos recolhidos nos cursos de Licenciatura em Letras, fruto de uma atividade solicitada na disciplina Didática, escolhidos de forma aleatória, utilizando recursos da análise de conteúdo em uma proposta qualitativa. Pretende contribuir na publicização de um exercício sobre o pensar a escola a partir da condição de acadêmico(a). Nos excertos foram subtraídas as menções a(aos) professores(as), instituições escolares, bem como o nome dos autores.

A atividade em questão se configura na redação de um texto que elabore uma reflexão sobre a escola vivenciada pelos discentes ancorada em textos, filmes, documentários e debates realizados, os mesmos devem fazer o exercício memorialístico sobre seu percurso pela escola,

¹ Mestra em Educação: formação de professores; Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul; membro Grupo de Pesquisa NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas /UEMS/CNPq; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; flaviacg@uems.br.

pensando sobre sua futura atuação como professor/professora. Olhar a escola através das reminiscências e dos conteúdos estudados e debatidos, como observador externo, podendo extrair desse exercício, reflexões que possam contribuir para o alcance do sonho que, considerando as potencialidades, os limites, os espaços, o tempo histórico e as condições de trabalho, poder quem sabe ir um pouco além, nas bordas do utópico.

2. Memórias na educação

As narrativas biográficas em cursos de formação inicial ou continuada de docentes, como um instrumento de reflexão sobre a prática docente tem sido utilizada por professores, pesquisadores e cursos, como avaliação diagnóstica ou como um memorial de conclusão.

Bessa-Oliveira (2018) vem construindo a partir da sua docência no ensino da arte, o conceito de *biogeografias*, tendo como “[...] ponto de partida as experiências do *bios* – sujeitos, geo – espaços, gráficas – narrativas, portanto, biogeográficas particulares dos seus grupos de alunos/indivíduos nos espaços de formação [...]” (2018, p.135), seus estudos têm como fundamento primário a teoria descolonial, defendendo uma epistemologia da fronteira- sul, mas que não estão restritas ao espaço e à história sul-mato-grossense, Bessa-Oliveira e Nolasco (2017) pontuam que é necessário deixar de inscrever:

Arte, a Educação e a Cultura em lugares desconhecidos, necessitamos reconhecer o — nosso mundo, ou os nossos muitos mundos; o lugar de onde falamos ou produzimos arte e conhecimentos, para ser mais preciso, e, por conseguinte, necessitamos compreender que cada um dos nossos alunos tem uma compreensão desse mundo pautada em seu universo particular. (BESSA-OLIVEIRA, NOLASCO, 2017, p. 888)

3. Os discentes

A diversidade geracional se evidencia nos textos, os discentes adentraram na escola a partir de 1970. Em alguns textos inferimos a faixa etária, como no trecho transcrito abaixo:

As vezes quando estou em sala de aula, me sinto como em um palco, representando um papel que nem sei qual é... Por que a aluna está uns trinta anos atrasada, e a esposa, a mãe e a avó também fazem parte dessa mesma pessoa, desse mesmo pacote, que sou eu o que torna as vezes tudo muito pesado...Por isso estou vivendo um dia de cada vez. (Relato de uma aluna)

Diversos locais de origem emergem nos textos. Alguns moraram no campo, outros vieram morar em Campo Grande – MS devido ao processo do SISU e demais motivos. Registra-se a passagem por escolas públicas, privadas, no campo, urbanas, indígenas e na modalidade Educação de Jovens e Adultos.

São registrados em alguns textos o analfabetismo presentes no Paraguai e no Brasil na década de 1970 (BRASIL, 1996) momento no qual 43% da população era analfabeta. No Paraguai, conforme Goiris (1996), a partir de dados coletados do jornal paraguaio ABC Color de 15/08/1993, registra-se que 27% da população era analfabeta, uma cifra que à época da edição se encontrava estável há 40 anos.

Os seis anos de escola primária a terminei em sete anos, percorrendo cinco escolas de diferentes acampamentos e cidades; sempre beirando o Rio Paraguai (...) Se meu pai

fez um *pupitre*² para eu não ficar fora da escola, foi porque no fundo estava preocupado por minha alfabetização. Ele e minha mãe, como quase todos os habitantes da localidade eram analfabetos (...). (Relato de um aluno paraguaio)

Aos meus 8 anos filha de mãe analfabeta e pai que só sabia fazer as contas de mais e de menos. D. (...) minha mãe me contou que na geração dela lá na Caatinga do Nordeste filhas mulheres não iam às escolas, pois para casa-se, costurar, cinzir e servir ao marido e filhos não era preciso conhecer o mundo das letras. (Relato de uma aluna brasileira)

Os relatos ampliam meus conhecimentos sobre educação e escola. Expressões regionais, peculiaridades locais e a constatação por exemplo do uso da palmatória, instrumento “corretivo” de ensino que em mim nunca foi utilizado e que na verdade só vi posteriormente em imagens e filmes de época, uma aluna relata:

depois saberíamos que se tratava da palmatoria cujo objeto asqueroso foi utilizado uma semana depois nas mãos do filho do seu (...) por ter dormido na sala de aula, mãos inchadas e avermelhadas nunca mais o moleque apareceu nas aulas. (Relato de uma aluna)

4. As marcas positivas e negativas das memórias relativas aos professores.

Afloram nos textos as referências aos docentes que marcaram suas vidas escolares. Registro das relações de afeto, da atenção às potencialidades do educando, do incentivo para continuar a escolaridade, lembranças de violência pedagógica, preconceito, discriminação e falta de “domínio de conteúdo”. Catani, Bueno e Souza (2000) explicitam que a importância das experiências escolares nos anos iniciais influencia nas imagens e representações do professor.

Enfim cheguei à oitava série (hoje nono ano) foi quando o pesadelo começou, hoje revendo toda a situação, vejo que conforme citado no livro fomos maus alunos era só mais uma professora vítima. (...)

Quando levantei a mão e fiz uma pergunta, ela me ignorou completamente, na outra aula, eu pedi a explicação novamente, foi quando ela disse que alunas como eu ela não perderia tempo, sabia que o meu futuro era casar, ter um monte de filhos e comer pão com mortadela³ a vida inteira. (Relato de uma aluna)

Passei toda a minha primeira série do Ensino Fundamental sem saber ler nem escrever, o que fez com que minha mãe fosse à escola pedir para a professora para que me reprovasse. Contudo, a mesma não acatou ao pedido dela com o argumento de que eu tinha potencial e de que seria um grande desperdício de tempo eu refazer a primeira série. No ano seguinte, com apenas duas semanas na segunda série, eu já sabia ler e escrever. (Relato de uma aluna)

O relato de memória (aluna paulistana) referencia Alves e Dimenstein (2003) e concerne a um trecho do livro no qual há uma reflexão sobre as condições de trabalho do professor.

Procuro apresentar e discutir nas salas de aula as matrizes curriculares, analiso os cenários possíveis das lotações, considerando variáveis, friso que é necessário procurar “se

² *Pupitre* – mesa escolar em forma de escrivaninha. Para estudar na escola era necessário ter uma mesa.]

colocar na pele de”. Diante disso algumas questões não de ser consideradas: como ser um bom/boa professor(a), dadas as condições de trabalho e vida? Como o(a) professor(a) pode organizar seu tempo de trabalho, familiar e de lazer?

5. Reflexões discentes e docente

Nos textos foram apresentadas reflexões sobre as metodologias utilizadas nas salas de aula, a gestão escolar e as mudanças ocorridas na educação. Discorreram sobre as relações professor-aluno, aluno-aluno e a importância das ações complementares. Pensaram sobre a educação e construíram cenários a respeito de sua futura atuação.

Uma das maiores lições que os filmes indicados, os textos trabalhados em sala de aulas e minhas experiências (...), é que a construção efetiva de um aprendizado – no contexto escolar – se dá com o alinhamento entre o corpo discente e docente, com a participação da família (a primeira instituição a que somos submetidos quando nascemos). Quando encontramos uma escola que propicia a autonomia (em determinado grau) do conhecimento por parte dos alunos, uma escola estruturada, uma escola que comporte apenas a quantidade certa de alunos que seu espaço permite, temos a certeza de que a educação ofertada por essa escola é de qualidade, é uma educação formadora de cidadãos, formadora de pessoas capazes de desenvolver o “pensamento crítico” (Relato de um aluno)

A pesquisa e autoavaliação da minha prática buscam responder às questões que sempre me inquietaram como trabalhar nas turmas sem massificá-las? Como considerar as especificidades dos cursos e ao mesmo tempo dar significação aos conteúdos que para muitos parecem tão distantes das suas escolhas profissionais em um primeiro momento? O trabalho com a redação deste texto híbrido recheado de memórias e conteúdo é uma das tentativas que tenho feito, além de realizar atividades interdisciplinares com docentes da área de Letras.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, M. A. BIOGEOGRAFIAS ARTÍSTICAS COMO EXTERIORIDADE DOS FAZERES – corpos latinos fronteiriços. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: Exterioridade dos Saberes: NECC 10 ANOS*, Campo Grande-MS, v. 2, p. 101-140, jul./dez. 2018.

BESSA-OLIVEIRA, M, A.; NOLASCO, C. Biogeografia – Descolonizar O Ser, Sentir E Saber Para A Transmissão Do Conhecimento nas Artes Visuais, In: *ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS*, Campinas, 2017. p. 883-898
Disponível em:
http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/EAV/26encontroBESSAOLIVEIRA_Marcos_Ant%C3%B4nio_NOLASCO_C%C3%A9zar.pdf. Acesso em: 14 ago. 2020

BRASIL, INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Estatística da Educação Básica no Brasil*, 1996. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/484154/Estat%C3%ADsticas+da+educa%C3%A7%C3%A3o+b%C3%A1sica+no+Brasil/e2826e0e-9884-423ca2e4658640ddff90?version=1.1>. Acesso em: 22 ago. 2020.

CATANI, D. B.; BUENO, B. A. O.; SOUZA, C. P. de “O amor dos começos”: por uma história das relações com a escola. In: *Cadernos de Pesquisa*, n. 111 p. 151-171, dez./2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/n111/n111a08.pdf> . Acesso em: 22 ago. 2020.

DIMENSTEIN, G.; ALVES, R. *Fomos maus alunos*. 9. ed. Campinas, SP: Papirus, 2003. 128p.

GOIRIS, F. A. *Transição político-democrática no Paraguai: a trajetória oposicionista do Partido Liberal Radical Autêntico - PLRA (1989-1993)*. 1996. 247 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 1996.